

A fonte 11-1-73

T. 5-205 Fundação Cultural do ES - atividades teatrais

CONCEITO

1. AVALIAÇÃO

Em sua primeira fase, o trabalho da Fundação Cultural foi marcado por uma ênfase à atividade teatral, o que causou, talvez, a impressão de que o teatro era o centro da vida cultural da comunidade. Na falta de um grupo profissional local, apelou-se para o teatro importado do Rio de Janeiro e de S. Paulo para tornar a temporada capixaba de teatro, oferecendo-se todas as vantagens possíveis ao profissional de fora. Como a ênfase era no teatro e era preciso manter o Teatro Carlos Gomes frequentemente em atividade, a seleção de peças, que deveria acompanhar o desenvolvimento do trabalho, tornou-se impraticável. A aceitação indiscriminada de peças criou a impressão de que a Fundação Cultural tinha como meta subvencionar esforços teatrais do Rio de Janeiro e de S. Paulo o chamado teatro nacional. Para reforçar essa impressão, a Fundação Cultural realmente subvencionou produções com o objetivo de apresentar estreias nacionais em Vitória, buscando projetar o nome do Espírito Santo além das fronteiras do Estado. Assim, a energia, o tempo e as verbas que seriam mais bem aplicados na criação de um núcleo de teatro profissional no Espírito Santo foram, em grande parte, investidos em companhias de teatro vindas de fora.

2. TEATRO NA FUNDAÇÃO CULTURAL ANTES DE 1972

Paralelamente à importação de companhias teatrais do Rio e de S. Paulo, criava-se na Fundação Cultural um grupo de teatro. A esse grupo foi ministrado curso de expressão corporal com o objetivo muito salutar de orientar os atores. A seguir foram ensaiadas seis peças infantis e o grupo passou a atuar como uma entidade paga dentro da Fundação. No entanto, tudo faz crer que faltava ao grupo um objetivo, um plano, uma filosofia que o mantivesse coeso e lhe imprimisse uma direção. Ao terminar o ano de 1971, somente cinco membros permaneciam no grupo. E, a julgar pelas duas últimas peças apresentadas, a qualificação artística do grupo também não sofreu grandes alterações. O que restou foi uma situação pseudo-profissional em que atores recebiam cachês mas não estavam habilitados a diminuir a artificialidade das representações.

3. A ASSESSORIA DE TEATRO NA FUNDAÇÃO CULTURAL

Foi nessas circunstâncias que surgiu a Assessoria de Teatro da Fundação Cultural. Feito um exame da situação, constatou-se que o Teatro necessitava de uma completa reorganização, de uma definição de objetivos, e de diretrizes para a consecução de tais objetivos.

A temporada de 1972 primou por criteriosa seleção de peças tendo em vista, não a preferência pessoal do Serviço de Teatro da Fundação ou de uma parcela mínima do público capixaba, mas o público em geral e os objetivos últimos da Fundação de despertar nesse mesmo público o gosto pelo teatro, orientado para uma apreciação correta de arte teatral. Na temporada de 1972 podem ser consideradas como boa seleção as seguintes peças: "Oh! Oh! Oh! Mima Graus", "Tango", "Putz", "Freud Explica (Explica?)!" e o Mímico Roi Scharre.

Razões tais como preço injustificável e acima das possibilidades da Fundação, sucesso no Rio não permitindo a vinda do elenco a Vitória, encenação impossível de adaptar ao palco do Teatro Carlos Gomes impediram-nos de trazer a Vitória "O marido vai à caça", "Castro Alves pede passagem", "O Interrogatório", "Hoje é dia de Rock", "Computa Computador Computa", e "Um Eufônio chamado Duzentos". Acrescida de tais peças, a temporada de 1972 em Vitória teria sido a soma do melhor que o Brasil pôde oferecer, em matéria de teatro, embora não necessariamente o melhor que há em teatro.

Foram três as peças de má qualidade que integraram a temporada de 1972: "O Segredo do Velho Mudo", "Baal" e "Por Mares Nunca Dantes Navegados".

A temporada de 1972, no Teatro Carlos Gomes, consistiu de 39 apresentações de peças importadas, que levaram ao Teatro 8.875 pessoas.

4. GRUPO DE TEATRO DA FUNDAÇÃO CULTURAL (1972)

Nosso Grupo de Teatro compõe-se de 15 elementos dos quais 10 são universitários das seguintes carreiras: Odontologia, Direito, Letras, Engenharia, Farmácia e Medicina, três frequentam escolas de 2º grau; e cinco interromperam seus estudos e, enquanto isso, se dedicam a outras atividades. Esse terceiro grupo recebe da Fundação Cultural permanente incentivo à continuação de seus estudos. E todo o grupo é orientado na direção do constante aprimoramento através do nosso estímulo à sua criatividade, do treinamento para aprendizado das técnicas do teatro e da abertura intelectual para a compreensão das complexidades de uma peça, do verdadeiro sentido do teatro e de sua função altamente educativa e cultural.

O Grupo de Teatro da Fundação, assim constituído, ofereceu ao público infantil de Vitória 16 apresentações de três peças: "O Rapto das Cebolinhas", "A Colcha do Gigante" e "Dona Maroquinha Fru Fru", além das "Cenas de Shakespeare a Ionecco", que atraíram grande público e demonstraram o que o curso de Teatro fez pelo grupo durante o ano de 1972, em termos de qualidade de performance. A Fundação se sente plenamente recompensada por ter reduzido o número de apresentações locais em 1972, pois ela se manteve fiel à sua filosofia de jamais sacrificar qualidade a quantidade.

Para orientação do nosso Grupo de Teatro, instituímos um curso de interpretação teatral visando a um aprendizado dentro de bases sólidas, de uma estética lúdica e buscando uma qualidade que não dependesse da sorte ou da coincidência. Esta qualidade resulta somente de estudo, pesquisa e seleção.

A apresentação de cada peça pretende constituir-se em aprendizado para o grupo além de um momento agradável para o público. As peças são criticadas em grupo e cada ensaio é sempre que possível transformado em uma aula. Além disso, a fim de não deixar cair a qualidade do espetáculo em virtude da monotonia da repetição das apresentações mantemos ensaios periódicos após a estreia. Dessa forma, a qualidade da produção cresce de apresentação para apresentação.

Consideramos altamente positivo o fato de o Grupo de Teatro ter chegado ao fim do ano de 1972 unido e consciente do trabalho que lhes cabe realizar. Seu interesse sempre crescente foi demonstrado dia a dia, pois os atores se tornaram cada vez mais assíduos e pontuais e sempre prontos a colaborar cuidadosamente de suas próprias vestimentas e ajudando na construção de cenários. A grande recompensa é que algumas interpretações foram além do correto e assumiram características de criação individual.

Em 1973 nosso Grupo de Teatro pretende apresentar-se em Ouro Preto e no Festival de Teatro de Londrina, para o qual já recebemos convite. É uma satisfação constatar que o que se tem feito em Vitória e para Vitória está repercutindo favoravelmente fora de nossas fronteiras e já vamos conquistando a confiança e o respeito de instituições e pessoas que, em outros Estados, estão engajados com a mesma seriedade em atividades culturais congêneres.

5. EM 1973

Depois das férias coletivas da Assessoria de Coordenação Cultural, que ocorrerão durante o mês de janeiro estaremos planejando a temporada de 1973, em fevereiro. No setor de Teatro alguns princípios básicos já estão bem firmados: Eis alguns deles:

a) — Nenhuma peça será importada sem que o espetáculo seja conhecido da Fundação. Para a contratação será levada em conta a opinião crítica geral, a ficha técnica da produção e o texto da peça. Em outro termos, a Fundação Cultural, empresa que é, não comprará mercadoria em embalagem fechada.

b) — Nenhuma estreia nacional será feita sob os auspícios da Fundação, pelas seguintes razões:

(1) Não disporemos de elementos para julgar a aceitação do espetáculo pelo público;

(2) As produções chegam até nós com o objetivo de testar perante o público o que foi obtido até o momento. O que vemos, então, é um ensaio geral de uma produção inacabada, invariavelmente em dificuldades financeiras e cobrando cachês imerecidos. No entanto, se a companhia estiver disposta a assumir parte dos riscos, a situação poderá ser reexaminada.

c) — Nossa seleção de peças seguirá um critério pedagógico ao mesmo tempo que procurará atender às preferências do grande público.

Quanto ao Grupo de Teatro, é difícil dizer se temos ou não o material humano necessário à formação de um grupo profissional. No entanto, é nosso propósito formar um grupo profissional e, mais tarde, uma Escola de Teatro.

Mas a Fundação Cultural não é só teatro. É música, é biblioteca, é rádio, é museu. E ainda é artes plásticas e cultura popular.

Sobre isto falaremos depois

A Diretoria Executiva
da Fundação Cultural

Obs.: esta coluna é produzida pela Fundação Cultural do ES